‘Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Economia

Luciana Porto Miguel

Keynes e Freud: Ensaios de Interpretação

Campinas, 2014

Luciana Porto Miguel

Keynes e Freud: Ensaios de Interpretação

Trabalho apresentado ao Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp) como pré requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação na área de Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Fracalanza

Campinas, 2014

Sumário

Introdução..... 01

Capítulo 1 - John Maynard Keynes

1.1 Biografia..... 02

1.2 Revisão teórica..... 04

Capítulo 2- Singmund Freud

2.1 Biografia.. 13

2.2 Revisão teórica..... 15

Capítulo 3 - Keynes e Freud

3.1 Conexões e mútuas influências..... 21

3.2 Conclusão..... 32

Bibliografia..... 33

Introdução

No início do século XX, dois grandes pensadores revolucionaram as bases da compreensão da psicologia humana e dos fenômenos econômicos: Sigmund Freud e John Maynard Keynes. Esse último, por meio do grupo Bloomsbury, o qual fez parte de toda sua carreira, obteve o conhecimento das obras do psicanalista que lhe forneceram estímulo e auxílio no desenvolvimento de suas ideias em relação ao entesouramento e ao dinheiro.

O objetivo deste trabalho consiste em revisitar a literatura dedicada à compreensão das relações e influências que se estabeleceram entre esses dois grandes pensadores e investigar em que medida algumas das ideias e dos conceitos fundamentais presentes na obra de Keynes, com destaque para a psicologia das massas e a repulsa ao entesouramento, sofreram a influência do pensamento de Freud.

Capítulo 1 - John Maynard Keynes

1.1 Biografia

John Maynard Keynes (Cambridge, 5 de junho de 1883 — Tilton, East Sussex, 21 de abril de 1946), um dos grandes pensadores do século XX, cresceu em um meio financeiramente confortável, graças ao seu pai, Neville Keynes, que soube investir de forma prudente a herança de seu pai, John Keynes. Dessa forma, foi possível que John Maynard Keynes pudesse estudar em escolas renomadas durante sua vida, como Eton e Cambridge. Além de sua boa formação, Keynes registrava com detalhes toda sua renda, despesas, ganhos, todas as suas transações e com grande zelo conservava todos seus documentos financeiros. Ele adquiriu suas primeiras ações aos 22 anos, em 1905, com seu "fundo especial", que era um dinheiro acumulado por seu pai a partir de suas recompensas escolares e presentes de festas, e desde então, raramente seu portfólio financeiro era composto por menos de quatro títulos.

Na descrição de Skidelsky (2009), ele não era um revolucionário, mas sim um evolucionista, sendo considerado o mais intuitivo entre os economistas. Suas obras econômicas foram filosoficamente inspiradas e sua visão da vida econômica, com seu significado e propósito, foram baseados pelo conceito de ética. Na bibliografia do autor, Skidelsky ainda descreve-o como sendo um *"unusual*

economist"[1], pois embora compreendesse a economia, não era, de fato, um economista, uma vez que não acreditava no sistema de idéias que os economistas da época compartilhavam.

[1] Economista incomum

1.2 Revisão teórica

Tendo em vista o contexto histórico em que viveu o autor - da grande depressão econômica de 1929 e das duas Grandes Guerras Mundiais - pode-se perceber como esses acontecimentos influenciaram as idéias de Keynes. Após a crise de 29, há uma mudança em sua filosofia de investimento, quando o autor passa a dar mais ênfase a uma de suas grandes inovações: o papel das expectativas na teoria econômica. Com o fim da Segunda Guerra e as negociações de Bretton Woods, percebe-se a inclinação contrária de Keynes ao padrão ouro, ou seja, ao *auri sacra fames*[2]. Suas principais ideias econômicas foram consubstanciadas de forma excepcional em seu livro A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda.[3]

[2] Maldita fome de ouro. (Keynes, 1930)

[3] KEYNES, J.M. (1936), The General Theory of Employment, Interest and Money, Londres, Mac Millan, reimpr., 1970

Nesse livro, o autor tem como objetivo desenvolver uma teoria que explique a determinação dos níveis de produção e volume de emprego de uma determinada sociedade. Esses dois são estabelecidos pela interseção das curvas de oferta agregada e demanda agregada, sendo esse ponto chamado de ponto da demanda efetiva. A curva de oferta agregada é estabelecida a partir de quantidade de fatores de produção utilizados, sendo que para facilitar o cálculo, Keynes estabelece como único fator de produção variável dessa curva, o trabalho. A curva de demanda agregada, por sua vez, é estabelecida a partir de expectativas de renda por parte do produtor, ou seja, ela é baseada fundamentalmente em expectativas sobre o futuro. Na intersecção destas duas curvas originar-se-ia o conceito de *demanda* efetiva. Assim, uma vez que estabelece-se o nível de produção que será efetivado (baseado nas expectativas de consumo futuro), também estabelece-se o nível de emprego, já que a única variável do fator de produção é o trabalho. Para Keynes, como a capacidade produtiva é dada, ele se preocupa na determinação da curva da demanda agregada, ou seja, nas expectativas de renda[4].

O ponto de demanda efetiva permite estabelecer o sentido econômico de que o gasto gera a renda, pois ao se basear nas expectativas de gastos de consumo e investimento, os produtores decidem quanto irão gastar com fatores de produção que se transformam em renda para a sociedade. O problema fundamental é que pode suceder que esse ponto de maximização de lucro seja diferente daquele do

[4] Essas expectativas são baseadas no gasto da sociedade, ou seja, no consumo mais investimento.Além disso, é dessas expectativas que deriva o conceito de ex-ante e ex-post, que se refere as expectativas ex-ante que só serão efetivadas num período posterior , ex-post, depois de realizados os gastos.

pleno emprego, o que Keynes acabará por definir como a existência do desemprego involuntário, ou seja, quando a oferta de trabalho é maior que sua demanda.

Tendo em vista que a formação das expectativas, ponto fundamental aqui tratado, é baseada nos gastos da sociedade, vale detalhar os fatores determinantes desses dispêndios, que são divididos em consumo e investimento.

O consumo depende fundamentalmente da renda corrente gerada pelas decisões de gasto dos capitalistas. Ademais, apenas uma parcela da renda corrente de uma comunidade é utilizada no consumo. Keynes afirmava que o montante de consumo depende da propensão a consumir e do nível de renda da sociedade. A propensão a consumir, por sua vez, é baseada em fatos objetivos, como a variação na taxa de juros, e subjetivos, como características sociais locais. Esses fatores possuem um caráter secundário na determinação do consumo pela sua relativa estabilidade ao longo do tempo. Já quando a renda se modifica, Keynes afirma vigorar uma lei psicológica fundamental que, em termos agregados, estabelece que o consumo cresce menos que proporcionalmente do que a renda, ou seja, um aumento na renda proporciona um aumento do consumo, porém não na mesma proporção.

Keynes se aprofunda no conceito de propensão a consumir ao demonstrar que quanto maior a propensão a consumir de uma comunidade, menor é a dependência em relação ao investimento, pois a diferença entre a renda e o consumo é facilmente preenchida pelo investimento. Essa situação é característica de sociedades mais pobres nas quais vigora uma mais alta propensão a consumir.

Portanto, é o investimento o gasto autônomo por excelência. O Investimento é baseado em duas decisões: a taxa de juros e a eficiência marginal do capital (EMgK), sendo elas determinadas de forma independente. A eficiência marginal do capital é a relação entre fluxo de renda provável de um investimento produtivo e seu custo de produção, ou seja, é a taxa de desconto que torna o valor futuro esperado dos rendimentos de um determinado investimento em valor presente igual ao preço de oferta do bem. É certo que a medida em que cresce a taxa de juros de mercado, decresce a atratividade do investimento produtivo agregado, ou seja, determinados projetos de investimento que seriam considerados viáveis a taxas de juros mais baixas, passam a ser descartados na comparação com os rendimentos alternativos expressos pelas taxas de juros de títulos do Tesouro, entre outras aplicações financeiras.

A decisão de investimento se dá sobre expectativas de longo prazo, o que traz a impossibilidade de cálculo de probabilidades. Assim, Keynes demonstra como essas expectativas são baseadas no grau de confiança do investidor, as quais tem como base uma fraca base de conhecimento. Essas fragilidades das expectativas de longo prazo são atenuadas por uma projeção das expectativas do presente para o futuro, adotando-se a convenção de que o sistema existente continuará por tempo indefinido, mostrando a importância para o que Keynes define como tradições e convenções. Além disso, Keynes destaca a importância de agentes na economia que agem apesar desse alto grau de incerteza, pois possuem em si um intenso *animal spirits* (conceito fundamental para compreender as relações entre as ideias keynesianas e freudianas, como o otimismo espontâneo de Eros).

Ademais, se não bastasse a dificuldade de estabelecer em terreno seguro as expectativas em longo prazo, os cálculos capitalistas tornam-se ainda mais instáveis com o papel exercido pelas bolsas de valores com seus humores instáveis.

Na contramão dos clássicos[5], Keynes afirma em sua teoria a importância de uma política monetária, em que destaca a importância da moeda como reserva de valor, pois dessa forma ela passa a influenciar o nível de produção e emprego pelo papel na formação das taxas de juros.

As taxas de juros passam a serem vistas como uma recompensa por abrir mão da liquidez, sendo ela determinada pela quantidade de moeda e pela preferência pela liquidez, outro ponto fundamental de idéias freudianas. Esse conceito está intimamente ligado ao enfoque da incerteza por parte de Keynes, visto que a moeda é uma reserva de valor e é o bem mais liquido, tornando-se interessante manter esse ativo, principalmente em épocas instáveis em que se deprime o estado de confiança.

Como será extremamente relevante a ideia de preferência pela liquidez na análise das influências de Freud sobre as idéias Keynes, torna-se interessante especificá-la. O autor define três principais motivos para a preferência pela liquidez: o transacional, o precaucional e o especulativo. Os dois primeiros dois primeiros são baseados na renda e o último na taxa de juros. A precaução tem por objetivo reservar a moeda para situações emergenciais ou para aproveitamento de novas oportunidades no futuro. Já a especulação, fator mais importante, se dá pela divergência de opinião dos investidores sobre a taxa de juros. Esses investidores se

[5] Para os clássicos a moeda era apenas um facilitador de trocas, podendo apenas afetar os preços correntes, mas sem causar nenhuma influência sobre a taxa de juros e sobre o nível de produção e de emprego. Assim, a taxa de juros era apenas uma recompensa por desviar o gasto destinado ao consumo para o investimento.

dividem em altistas e baixistas, sendo que a demanda por moeda entre eles tende a equilibrar o mercado em condições normais de funcionamento.

Além dos fatores históricos que deram suporte para essas conclusões analisadas, Keynes foi muito influenciado pelo grupo Bloomsbury, que se notabilizava pelo tom severo de sua crítica da conservadora moral vitoriana da época. Essa última, caracterizada pelos seus valores puritanos, via a sexualidade como perigosa e como um processo apenas para a procriação e também difundia a concepção de uma superioridade natural da nação inglesa. É possível encontrar essa visão de superioridade em Keynes e alguns de seus amigos, que julgavam o centro da civilização no meio de Cambridge, Londres e Sussex.

O grupo Bloomsbury era um grupo de pensadores e artistas do século XX, que se reuniam para discutir assuntos polêmicos na época, no bairro inglês de mesmo nome. Por meio dele, Keynes teve acesso e tornou-se grande estudioso das ideias, tanto de Freud, como do G. E. Moore, baseadas, principalmente, no livro *Principia Ethica*. Essas ideias estão fortemente atreladas ao ponto principal das discussões do economista referente ao amor ao dinheiro, como será explicitado posteriormente.

O nascimento desse grupo tem duas fontes: a universidade de Cambridge - e particularmente a Sociedade dos Apóstolos - e a família Stephen, cujas irmãs Vanessa e Virginia (mais tarde, Virginia Woolf), muito fizeram pelo grupo. Para entrar no grupo era necessário ser convidado, e para alguém ser convidado era necessário a aprovação unânime de seus então integrantes.

Keynes foi convidado a participar da Sociedade dos Apóstolos, em Cambridge, em 1903, sendo o apóstolo número 243 e sobre a proteção de Sheppard. Depois disso, manteve-se fielmente associado até o fim de sua vida, como a maior parte dos outros integrantes, que eram acima de tudo amigos.

Já no grupo de Bloosmbury, seus mais eminentes participantes eram Vanessa e Clive Bell, Virginia e Leonard Woolf, Molly e Desmond MacCarthy, Adrian Stephen, Lytton Strachey, Ducan Grant (o qual foi amante de Keynes), Roger Fry, E.M. Forster e Saxon Sydney-Turner.

Foi por meio desse grupo que Keynes começou a discussão do *love of money*[6], inspirado, principalmente pelas idéias de Moore, mentor do grupo. Moore identificava como questão ética primordial definir o que é bom (*goodness*) e sugeria que apenas de posse dessa resposta, a dimensão moral que indagava sobre "como devemos nos comportar" poderia ser adequadamente respondida.[7] Para Keynes, uma maneira de se chegar a essa felicidade pelo *goodness* era o investimento em artes e cultura, o que ele mais tarde fez em sua vida em forma de doações. Era nesse amor ao dinheiro e suas derivadas competições que o economista via também as raízes para conflitos sociais.

Keynes distingue esse amor ao dinheiro em duas formas: a busca a busca insaciável pela riqueza e a manutenção dela, na forma de entesouramento, conceitos associados ao personagem freudiano "*anal sadistic*"[8], como será visto posteriormente. O primeiro seria moralmente ineficiente, enquanto o segundo, economicamente ineficiente. Como demonstrado em "As possibilidades econômicas

[6] Amor ao dinheiro

[7] Fracalanza (2010)

[8] Sádico-anal

de nossos netos”[9], o autor mostra que sua visão a respeito daqueles que tentam se enriquecer com um fim a si mesmo é de repulsa: ele vê a avareza como um vício e a usura como uma contravenção e ainda diz que o amor ao dinheiro é algo detestável.

Esse texto foi escrito em 1930, exatamente durante a grande depressão. A idéia principal do texto é a perspectiva positiva de um futuro, opondo-se ao que denotava um excesso de pessimismo da época. Keynes sugeria que chegaria um período, -depois de 100 anos em que o artigo fora escrito- em que haveria uma abundância econômica, permitindo ao homem uma liberdade nunca antes vista, pois ele seria livre de preocupações econômicas. O trabalho seria algo para a satisfação pessoal, limitando-se a turnos de três horas por dia, e nesse momento haveria uma grande estabilidade econômica com as pessoas vivendo bem e desfrutando do lazer. A maior preocupação do autor é de que esse novo e idílico cenário cause uma nova catástrofe, pois as pessoas talvez se sentissem inúteis e ociosas num novo mundo em que o dinheiro perderia seu valor social.

Para ele, o grande problema do período em que vivemos é que as pessoas deixaram de buscar o dinheiro para satisfazer suas necessidades mais vitais, ou seja, ocorrera um afastamento do conceito de “*people want goods, not money*”[10]. Na realidade, as pessoas estavam cada vez mais buscando ganhar dinheiro com o fito de conseguir mais dele (“people acquired money to get more money”[11]). É a esse novo cenário que Keynes tanto se contrapõe, pois para ele não compensa sacrificar o presente visando o futuro. Numa metáfora muito interessante, afirma que as

[9] KEYNES, J. M, 1930

[10] Pessoas querem bens, não dinheiro

[11] As pessoas adquirem dinheiro para conseguir mais dinheiro

pessoas não se interessam mais pelos seus gatos, mas sim pelos filhos dos filhos desses gatos, mostrando como o homem não ama mais o que tem no presente, mas sim o que poderá obter no futuro por meio daquilo que ele tem no presente.

Sobre esse amor ao dinheiro ele diz :

> *"The love of money as a possession- as distinguished from the love of money as a means to the enjoyments and realities of life- will be recognized for what it is, a somewhat disgusting morbidity, one of those semicriminal, semi-pathological propensities which one hands over with a shudder to the specialists in mental disease. (Keynes 1990)*[12]

[12] O amor ao dinheiro como objeto de possessão – diferente do amor ao dinheiro como meio de degustar os prazer e as realidades da vida- será reconhecido por aquilo que ele é, uma paixão mórbida repugnante, com inclinações, metade criminal e outra metade patológicas, as quais criam tremor aos especialistas em doenças mentais.

Capítulo 2 - Sigmund Freud

2.1 Biografia

Sigmund Freud (Příbor, 6 de maio de 1856 — Londres, 23 de setembro de 1939), nasceu em Freiberg, antiga cidade pertencente ao império austríaco. Descendente de família judaica, Freud não teve a mesmo conforto financeiro que Keynes tivera na Inglaterra, por isso, com as dificuldades financeiras da revolução industrial, a família do pensador precisou mudar-se para Viena, onde Freud iniciou seus estudos e frequentou a universidade de Viena para estudar medicina.

Devido a problemas financeiros, após se formar, decidiu ingressar imediatamente na clínica médica de Viena em vez de se dedicar a pesquisa, uma de suas grandes paixões. O autor deixou o hospital após seis meses quanto conseguiu uma licença para trabalhar em Paris com o psiquiatra Charcot, que o introduziu o tratamento de pacientes por meio do uso da hipnose. Freud, então, por meio de seus estudos pelo tratamento de doentes mentais, chegou a uma nova teoria, na qual relacionava muitas das doenças a exteriorizações de problemas psicológicos. Para ele, o paciente sempre tinha razão, a doença não devia ser vista com desprezo, mas sim um adversário respeitável com boas razões para existir. Para curar essas doenças, o psicanalista passou a adotar métodos de interpretações de

sonhos e o método da associação livre, em que os pacientes falavam tudo o que lhes ocorria.

Freud faz jus ao título de “pai da psicanálise”, pois foi um grande estudioso por toda sua vida, além de um grande pesquisador sobre o inconsciente. No início dos anos 1890 passou a anotar seus próprios sonhos, cada vez mais convencido de que eles poderiam fornecer pistas para a atividade inconsciente e começou, em 1897, a fazer uma auto-análise para tentar compreender melhor o funcionamento da mente humana.

2.2 Revisão teórica

Freud, no seu ensaio "O Mal Estar da Civilização"[13] desenvolve a ideia do id, ego e superego. O id é a forma mais primitiva da consciência humana, caracterizando nossos instintos naturais, a nossa libido, e é a parte menos acessível por nossa personalidade. As forças do id buscam a satisfação imediata sem tomar conhecimento das circunstâncias da realidade. Ele funciona de acordo com o princípio do prazer, preocupado em reduzir a tensão mediante a busca do prazer e evitando a dor. O ego, por sua vez, é o facilitador da interação entre o id e as circunstâncias do mundo externo, ele representa a razão, e obedece ao princípio da realidade, refreando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão. O superego, por fim, representa a moralidade, ou seja, ele está em constante conflito com o id e, ao contrário do ego, que tenta adiar a satisfação do id para momentos e lugares mais adequados, o superego tenta inibir a completa satisfação do id.

Por meio dessas divisões psicológicas, Freud mostra como o ego tende a fugir ao sofrimento e ao desprazer, e de como o propósito da vida se divide na ausência desses dois e à busca de experiência de intensos sentimentos de prazer, definindo como sendo essa felicidade, a satisfação de um instinto. Assim, em outras palavras, para que a civilização possa prosperar o indivíduo tem que renunciar à satisfação de suas necessidades pulsionais

[13] SIGMUND, F. 1930.

Nessa senda, Freud conclui que a nossa civilização é responsável por nossa desgraça e que talvez fôssemos mais felizes se retornássemos às condições primitivas, pois o homem cada vez mais busca um papel semelhante ao de Deus e de total poder sobre a natureza.

O controle de sua vida instintiva é causa de grande sofrimento e com a facilidade da infelicidade e a dificuldade da felicidade, o homem passou a moderar sua felicidade vendo-a quando se evita a infelicidade, resultando em uma ilusória felicidade pelo simples processo de evitar a infelicidade. Explorando as dimensões do princípio do prazer e do princípio da realidade, Freud desnudou o confronto entre Eros e Thanatos (instinto da vida e instinto da morte, respectivamente), e mostrou que embora domadas as forças de agressividade – que potencializaram o advento do trabalho social e a obra civilizatória - as paixões são mais fortes que os interesses razoáveis, e esse confronto entre o ego e superego leva a um sentimento de culpa e necessidade de punição no indivíduo, intensificando a infelicidade pessoal.

No livro a “Psicologia das Massas e a Análise do Eu” [14], Freud continua a discussão acerca do problema envolto na repressão das pulsões e mostra como a psicologia humana funciona de forma diferente quando o homem é participante de uma massa. Numa massa, o individuo passa a agir diferentemente. A definição desse grupo psicológico é a seguinte:

[14] FREUD, Sigmund. A psicologia das massas e a análise do eu (1921). In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

> *"(...) sejam quem forem os indivíduos que compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento" (Freud, S. 1921)*

Conclui-se que há certas ideias que não surgem, ou apenas não se tornam em atos em situações individuais.

A dificuldade desse processo é compreender as causas das diferenças do individuo coletivo do individuo isolado. Freud então se direciona a uma análise baseada no fato de que a vida consciente da mente é de pequena importância se comparada com a sua vida inconsciente. Concordando nesse ponto com as idéias de Le Bom, afirma que as dessemelhanças individuais, quando em grupo, desaparecem, criando um caráter médio que tem três motivos principais para existir: o sentimento de invencibilidade e diminuição do peso da responsabilidade, o contágio e a fascinação.

O primeiro fato é facilmente compreendido: um indivíduo em grupo sente um poder de invencibilidade que lhe permite render-se aos seus instintos, numa forma em que não seria capaz se estivesse sozinho, pois teria que assumir as consequências de forma individual, perdendo seu anonimato. O segundo fato é o contágio, que leva todo o sentimento, em um grupo, ser contagioso a um ponto em que o individuo coloca o interesse coletivo acima de seu interesse pessoal.

Por último, há a fascinação, em que o individuo torna-se hipnotizado por uma sugestão dada dentro do grupo e acaba por realizar certos atos com irresistível impetuosidade, somente pelo fato dele estar dentro de um grupo psicológico.

Outro fato importantíssimo decorrente de um grupo psicológico, que se relaciona de forma direta com as ideias keynesianas de expectativas, é a simplicidade e o exagero desses sentimentos dentro de um grupo, de maneira que os indivíduos passam a desconhecer a dúvida e a incerteza. Logo, os sentimentos passam a ser sempre extremados, se existe uma suspeita, ela logo é tomada como verdade absoluta e inquestionável. Um grupo tem uma forte tendência em não distinguir o que é verdade e o que é mentira, fazendo com que a capacidade intelectual de um grupo seja sempre inferior a de um individuo isolado.

O contágio e as manifestações da mente grupal são tão maiores, quanto maior for o grau de semelhança e inclinação emocional do grupo. Além disso, os impulsos emocionais se propagam de forma mais rápida, quanto mais simples e grosseiros esses impulsos forem. Dessa forma, percebe-se que um indivíduo torna-se sempre inclinado a concordar e agir junto com o grupo, afinal, torna-se perigoso contrapor-se a ele, sendo mais fácil e seguro apenas seguir o exemplo dos demais.

A seguir, Freud inicia uma discussão de laços libidinais entre os indivíduos e seus líderes e entre os próprios integrantes do grupo psicológico. Esse amor libidinal apresenta a dificuldade de supervalorização sexual, pois o objeto amado desfruta de certa liberdade quanto a critica, resultando em uma idealização do objeto amado, por uma quantidade considerável de libido narcisista transbordar para o objeto. Ou seja: o objeto consome o ego do indivíduo de uma forma que o

objeto é colocado no lugar ideal do ego. Disso decorre o estado extremo de estar amando: a fascinação e a servidão. No primeiro caso, coloca-se o objeto em si próprio, enquanto no segundo há um empobrecimento pessoal, em que se entrega ao objeto.

Chega-se a conclusão de que um grupo, portanto, multiplica esse processo de substituição do ego pelo objeto, que nada mais é do que uma forma de hipnose. O grupo torna-se, por fim, um depósito de libido humana, em que os impulsos diretamente sexuais são inibidos de seus objetivos, pois só resta lugar ao ego e ao objeto.

Outra grande obra do autor, e talvez a mais importante, é o livro “Interpretações dos sonhos”. O livro lançado em 1899 teve sua data de edição alterada para 1900 devido a grande ambição e intenção de que esse trabalho figurasse como um dos mais importantes do século XX. Nele, Freud explora uma teoria inédita e inovadora do aparelho psíquico, explorando o papel do inconsciente. Para o autor, os sonhos não são meros acasos e são providos de significado.

Neste livro, Freud discorre como os sonhos são consequências de nosso inconsciente e de que forma nada do que alguma vez tenhamos possuído mentalmente se perde por inteiro, ou seja, como nenhum pensamento se destrói, sendo assim, é possível, por meio dos sonhos, descobrir antigos traumas e explicações para a vida vigília (consciente).

Existem quatro espécies de sonhos que podem ser enumerados pela forma de seus estímulos: excitação sensorial externa (objetiva); excitação sensorial interna (subjetiva); estímulo corporal interno (orgânico); e fontes de estímulo

puramente psíquicas. A primeira espécie é consequência dos estímulos sensoriais que nos chegam durante o sono e podem se transformar em fontes de sonhos, como, por exemplo, o som de um despertador que se torna uma buzina de um trem, ou então uma parte descoberta do corpo, que leva o indivíduo, enquanto dorme, a acreditar que está caindo em um lado gelado. A segunda espécie compreende fatores estruturais e os motivos latentes propriamente ditos, A terceira, por sua vez, é consequência de nossa relação com nossos corpos e está ligada diretamente a dores e incômodos, ou seja, caso se tenha uma doença pulmonar desconhecida na vida vigília, ela pode afetar a vida onírica uma vez que dificulta a respiração, levando ao indivíduo a sonhar, por exemplo, com um afogamento. A quarta, e última, é consequência de instrumentos complexos da vida psíquica.

Capítulo 3 - Keynes e Freud

3.1 Conexões e mútuas influências

Apesar de nunca terem se encontrado e Freud nem ter visitado Cambridge, pode-se perceber uma conexão entre os dois autores, que liam e criticavam as obras um do outro. Exemplo disso é uma intervenção de Keynes, com o pseudônimo de "Siela", numa revista em que havia publicações freudianas. Sobre o autor ele disse:

> *"Le professeur Freud me semble doté jusqu'au génie de l'imagination scientifique qui peut donner corps à une abondance d'idées novatrices, à dês ouvertures fracassantes, à dês hypothèses de travail qui son suffisamment établies dans l'intuition et dans l'expérience commune pour mériter l'examen le plus patient et le plus impartial, et qui contiennent selon toute probabilité, à La fois dês théories qui devront être abandonnées ou remaniées jusqu'à ne plus exister, mais aussi dês théories d'une signification immense et permanente."*[15]

[15] "O professor Freud me parece dotar de um gênio da imaginação científica que pode dar ao corpo uma abundância de ideias novas, e aberturas sensacionais, como às hipóteses de trabalho que são suficientemente estáveis na intuição e na experiência comum, merecem não só uma análise mais paciente e mais imparcial, e que contenha, conforme toda probabilidade, o fato que em algum momento as teorias deverão ser abandonadas ou revistas, até não existirem mais, mas também uma análise como teorias de um significado imenso e permanente." - KEYNES, John Maynard (1925) "Freudian psycho-analysis", Nation ADN the Athenaeum, vol. 35, 29 août.

Como foi dito, Keynes teve acesso às ideias freudianas por meio do grupo Bloomsbury, em que haviam integrantes que haviam estudado com Freud em Vienna, como Adrian Stephen, Karin Stephen, James Strachey (o qual foi editor geral do *Standard Edition de Freud* em inglês) e Alix Strachey. James Strachey, em uma carta para sua esposa, confirma esse interesse de Keynes pelas ideias freudianas.

> *"Maynard said he was engrossed in the Case Histories [Volume 3 of Freud's Coltected Papers which the Stracheys had recently translated and published], & made complimentary remarks about the translation. According to him he's going through the whole of the Dr.'s works, so as to get a real grasp of the subject. Ahem . . . But I see a dim possibility of using him (or Lydia) as a means of screwing £5000 out of Sam Courtauld for a clinic".*[16]

Não é surpreendente que Freud e o grupo Bloomsbury tivessem se encontrado. Afinal, tanto a psicanálise e a cultura do grupo nasceram no mesmo contexto de reação à um mesmo tipo de sociedade e cultura: contra a religiosidade obscura e a moral sexual a ela associada. Da moral, enfim, se projeta a economia, e tanto para Keynes, como para Freud as questões de sexo e dinheiro eram reais e objetos da mesma hipocrisia.

Keynes fala de psicologia, assim como Freud fala de economia. A influência entre eles é bilateral, tanto Keynes foi influenciado por Freud, como Freud o foi por Keynes. Freud, por exemplo, ao fazer um estudo psicológico do presidente

[16] "Maynard disse que ele estava envolvido em histórias de casos (Volume of Freud's Coltected Papers que o Strachey s recentemente traduziu e publicou], e fez observações complementares sobre a tradução. De acordo com ele, ele está passando toda a obra do doutor, de modo a obter uma compreensão real do assunto. Ahem..mas eu vejo uma possibilidade de usá-lo (ou Lydia) como um meio de conserto de 5000 libras de Sam Courtauld para uma clinica." - James Strachey, in Meisel and Kendrick, *Bloomsburyl Freud,* p.

Wilson, baseou-se em “The Economic Consequences of the the Peace”[17](1919), obra importante de Keynes. Além disso, Freud utiliza muitos conceitos econômicos, como os conceitos de ganho e perda, trabalho, enriquecimento e empobrecimento (da libido, por exemplo), e a tendência de economizar, em seus mais importantes textos. (Dostaler, G. ; Maris, B., 2000) Nesse trecho, em sua análise dos sonhos, Freud utiliza de metáforas entre empresários e capitalistas:

> *“To put it figuratively, it is quite possible that a day-thought plays the part of the entrepreneur in the dream; but the entrepreneur, who, as we say, has the idea, and feels impelled to realize it, can do nothing without capital; he needs a capitalist who will defray the expense, and this capitalist, who contributes the psychic expenditure for the dream, is invariably and indisputably, whatever the nature of the waking thoughts a wish from the unconscious.”*[18]*(Freud, S. 1932)*

Ao mesmo tempo, percebe-se como as ideias freudianas influenciaram as obras de Keynes. A Teoria Geral explicada anteriormente é construída em três principais fatores psicológicos: a propensão marginal a consumir, a eficiência do capital e a preferência pela liquidez. Além disso, vários elementos das obras do economista, como o amor ao dinheiro, fascinação irracional pelo ouro, especulação, a busca pela acumulação, “*animal spirits*”, incerteza, podem ser analisados sob a ótica freudiana.(Dostaler, G; Maris, B., 2000). Pode-se sugerir que para Keynes havia três principais tópicos que movem o capitalismo: o amor ao dinheiro, o amor ao “fazer o dinheiro” (*love of money making*)e o sádico amor ao poder.

---

[17] KEYNES, J.M. (1991) Las consecuencias económicas de la Paz. Editorial Crítica, Madrid.

[18] “Para colocá-lo em sentido figurado, é bem possível que um dia de pensar desempenha o papel do empreendedor no sonho, mas o empresário, que como se diz, tem a ideia, e se sente impelido a realizá-lo, não pode fazer nada sem capital; ele precisa de um capitalista que irá custear a despesa, e esse capitalista, que contribui a despesa psíquico para o sonho, é invariável e indiscutivelmente, independentemente da natureza dos pensamentos acordados de um desejo do inconsciente.” - FREUD, S. (1932 [1900]) *The Interpretation of Dreams,* London: Allen and Unwin.

Tendo em vista que ambos tinham ideias comuns a cerca do dinheiro, de forma independente, vale entender dois mitos muito importantes usados por Freud para explicar a natureza do dinheiro que Keynes muito utilizou: o mito da galinha dos ovos de ouro, e o mito de Rei Midas. Os dois são lados da mesma moeda, sendo que o primeiro se refere a característica anal erótica dos do dinheiro e a segundo, ao espírito mórbido dele. (Dostaler, G.; Maris, B., 2009a)

A fábula da galinha dos ovos de ouro se refere à estória de um casal de camponeses que possuíam uma galinha que todo dia botava um ovo de ouro. Movidos pela ganância e pela suposição de que dentro da galinha devia haver uma grande quantidade de ouro, o casal sacrificou a galinha a fim de obter todo o ouro de uma só vez. Por infortúnio, eles perceberam que a galinha não tinha nada de diferente de todas as outras, e acabaram perdendo seu ganho diário, pela irracional busca de enriquecer de uma só vez.

Esse mito reflete o amor ao dinheiro que os indivíduos possuem, pois ele é baseado em um conceito muito importante de prazer anal, o qual se baseia na ideia de que existem quatro momentos na vida nutritiva: a ingestão, a digestão, a retenção e a excreção. Essas fases podem ser relacionadas às fases da economia de aquisição, investimento, poupança e acumulação, e venda. (Dostaler, G.; Maris, B., 2000) Para Freud, o dinheiro muito está relacionado, portanto, ao excremento, pois o canal anal é uma zona erótica, que leva a uma criança a refrear e adiar ao máximo o ato de defecação a fim de maximizar o prazer que ela obtém com isso. O amor ao dinheiro, portanto, acontece pela sublimação de um instinto libidinal ao dinheiro: o amor por ele se dá na forma de postergação de sua renúncia, num processo de acumulação e poupança, que determina uma característica anal do dinheiro.

Esse interesse pelo excremento é muito mais complexo, pois ele é associado ao narcisismo, em que faz com que uma criança comporte-se da forma mencionada pela simples valorização da posse de seu excremento. Keynes acredita que esse amor ao dinheiro é irracional e fundamental para explicar o capitalismo,

pois em um mundo normal, "*Money is only important for what it will procure*"[19] (Dostaler, 2000). Porém, no capitalismo as necessidades são sempre representadas como ilimitadas e, portanto, não se encontram limites para a acumulação de riqueza. Percebe-se, dessa forma, como o instinto capitalista está conectado com as concepções de egoísmo e erotismo anal.

O mito de Midas, por sua vez, está mais relacionado ao *auri sacra fames*, e é a estória de um rei que após recebe de Baco a escolha da realização de um desejo. Midas, o rei, pede o poder de transformar em ouro tudo aquilo que tocar. Novamente, o amor ao dinheiro, que se reflete na ganância do personagem, leva a sua antecipada morte, pois toda comida e a água que tocam seus lábios, também viram ouro, inviabilizando sua sobrevivência.

Esse mito mostra o desejo pelo ouro, por ele próprio. É uma clara menção ao "morbid character"[20], que é o instinto de morte de Thanatos, já citado. Keynes acredita que o capitalismo é um sistema que não sabe lidar bem como a morte, da mesma forma que uma criança a recusa. O paradoxo desse mito, é que o medo da morte, o qual leva o rei a desejar mais poder e acumulação de riqueza, leva-o a sua própria morte.

A morte é algo inevitável, e o dinheiro, é a ponte entre o passado e o futuro que serve de escudo a ela. Com isso, percebe-se a falsa ilusão de imortalidade que o dinheiro nos dá e a sua relação com a preferência pela liquidez, a qual é ao mesmo uma negação ao futuro, uma forma de adiá-lo, resultando no chamado "fetichismo da liquidez"[21]. Para Freud, o fetichismo é uma forma de negar a realidade em seus aspectos mais ameaçadores, e a morte é o maior dentre todos eles. Os irracionais e impulsivos motivos pela posse de liquidez pertencem a uma regressão infantil, em que o dinheiro com significado de troca, é guardado como um símbolo. E essa regressão dos indivíduos, para Freud, corresponde à degradação da sociedade já mencionada. (Dostaler, G; Maris, B, 2009)

---

[19] "O dinheiro somente é importante para aquilo que ele adquirirá"

[20] Caráter mórbido

[21] Dostaler, F;Maris,B,2009

Keynes espera que esse fetichismo do ouro acabe e se apague, de forma a dar lugar a um novo sistema monetário internacional, mais racional:

> *"Par conséquent, l'or, au début cantonné au ciel avec son prince consort l'argent, à l'instar du soleil et de La lune, s'étant défait de sés attributs sacrés et étant revenu sur terre em tant qu'autocrate, pourrait par la suíte s'abaisser au rang plus sobre d'um monarque constitutionnel avec son cabinet de banques; et Il pourrait ne jamais être nécessaire de proclamer um republique. Mais ce n'est pás encore le cas – lês choses pourraient évoluer bien autrement. Les partisans de l'or devront être particulèrement avises et raisonnables s'ils veulent éviter um révolution."*[22]

Quando a Inglaterra foi forçada a abandonar o padrão-ouro em 1931, Keynes recebeu a notícia de forma alegre e acreditava que era o fim da *maldição de Midas*. Contudo, o ouro não é a única forma de dinheiro, portanto a questão acerca do amor ao dinheiro, na forma de amor a sua posse, de fazê-lo e do poder que ele traz, não acaba com o fim do padrão-ouro. A questão continua sendo muito relevante no ponto em que toca a insegurança quanto ao futuro, principalmente a morte e como o dinheiro se comporta de forma a diminuir a inquietude da ansiedade dessa incerteza.

Como foi visto no tópico anterior (revisão teórica das ideias freudianas), os homens vivem de forma a sublimar seus impulsos, que Keynes acredita que pode

---

[22] Portanto, o ouro, ao inicio confinado ao céu com seu príncipe, consorte ao dinheiro, como o sol e a lua que tem eliminado seus atributos sagrados e que estão sendo devolvidos à terra, um tanto autocrática, poderia, então, ser reduzida para o nível sóbrio de um monarca constitucional com os seus bancos e seus escritórios; e ele poderia nunca ter que declamar a republica. Mas, isso não é mais o caso- as coisas poderiam se mover muito mais. Os partidários do outro devem ser, particularmente avisados e razoáveis se eles desejarem evitar uma revolução.

ser feito via a arte. Porém, nem todos têm o talento e capacidade de fazê-lo dessa forma, assim, existem os homens de negócio, que são aqueles incapazes de manifestar beleza, apenas amando o dinheiro. A libido pode degenerar-se em impulsos agressivos e sádicos, que transformam os outros, em objetos, de forma a humilhá-los, feri-los e matá-los. A busca por dinheiro é um meio de canalizar esses impulsos.

Dessa forma, é possível concluir que no dinheiro há uma dimensão psicológica que tem implicações importantes nas arenas política e social. A moeda, então, pode ser considerada como uma instituição social, pois a preferência pela liquidez acaba sendo um motor de decisão na economia, tanto privada, quanto pública. Exemplo disso é a taxa de juros, um fenômeno altamente psicológico, pois em sua determinação aparecem os efeitos convencionais e o estado de confiança do público. Assim, chega-se ao paradoxo da preferência pela liquidez, que tanto se relaciona ao paradoxo do mito de Midas:

> *"This is the paradox: the desire for liquidity is morbid, an instinct that leads to death. And yet, it because we fear death that we desire liquidity.*[23]

Depois de visto essas características e discussões a cerca do amor ao dinheiro, é importante iniciar uma discussão acerca do capitalismo e dos mercados econômicos, em que entram importantes fatores, como *o animal spirits*, a especulação e como funciona o pensamento de um grupo social. Afinal, os indivíduos não existem de forma isolada, mas são imersos numa multidão de outros indivíduos e a compreensão disso pode produzir uma nova análise do mercado

[23] Esse é o paradoxo: o desejo pela liquidez é mórbido, um instinto que leva a morte. E ainda, é porque temos medo da morte que desejamos a liquidez" - DOSTALER, Gilles (ano). "Keynes, L'argent et La psychanalyse".livro Université Du Québec à Montreal, editora.

levando em conta a influência que os integrantes dele têm sobre os outros, formando um novo papel econômico das ações de um grupo em uma sociedade.

Primeiro, deve-se lembrar que Keynes descreve o *animal spirits* como intimamente ligado a três fatores psicológicos da teoria geral (propensão marginal a consumir, eficiência do capital e preferência pela liquidez). Keynes o descreve como sendo *"a spontaneous urge to action rather than inaction"* [24](Keynes, 1936). Esse estado de espírito tem como principal componente a libido ou a motivação sexual, sendo, portanto relacionado à agressão e ao sadismo já tratados.

Visto isso, fica mais claro tratar das especulações e antecipações que alguns indivíduos são capazes de fazer nos mercados. A especulação e a acumulação de capital constituem duas excelentes formas de saída- ou seja, sublimação- à abundância de libido de alguns indivíduos, logo, não há grandes diferenças entre o capitalista e o especulador, pois ambos têm essa mesma motivação. Os dois são assemelhados e, ao contrário dos "poupadores", são ótimos jogadores e jogam com o futuro, sendo mais bem informados que a maioria dos ignorantes multidões. (Dostaler, G; Maris, B, 2000)

Esses agentes são vistos de forma positiva por Keynes, pois se todos possuíssem um *animal spirits* igual ao de Midas, a economia estaria fadada ao fracasso. Dessa forma, o economista assume que existe uma psicologia econômica em um grupo de indivíduos, que transcende a psicologia individual, não sendo, portanto, apenas uma soma de indivíduos, mas uma entidade autônoma. Keynes diz:

> *"Knowing that our own individual judgment is worthless, we endeavour to fall back on the judgment of the rest of the world which*

[24] Um espontâneo estimulo para a ação, do que para a não- ação."

> *is perhaps better informed. That is, we endeavour to conform with the behaviour of the majority or the average"*[25] *(Keynes, J. M., 1937)*

Essa afirmação que está intimamente relacionada a idéia de Freud, que já foi esclarecida anteriormente nesse relatório, de que um individuo sente-se pressionado a concordar com a maioria do grupo psicológico, do que opor-se a ele:

> *"It is clearly perilous for him to put himself in opposition to it, and it will be safer to follow the example of those around him and perhaps even 'hunt with the pack'. In obedience to the new authority he may put his former 'conscience' out of action, and so surrender to the attraction of the increased pleasure that is certainly obtained from the removal of inhibitions."* [26] *(Freud, S. 1921)*

Em outra passagem, Keynes assevera*: "La psichologie d'une société fait d'individus qui, tous, cherchent mutuellement à s'imiter"*[27] (Dostaler, 2009b), o que mostra outra relação clara entre as ideias freudianas do que diz respeito a sua teoria as massas, apresentado na "Psicologia das Massas e Análise do Eu", em que o autor mostra como um grupo social tem suas ideias espalhadas pelo mimetismo e o contágio. Essa ideia de ideal do grupo, também é retomada numa metáfora que Keynes faz na Teoria Geral ao descrever um concurso de beleza, dizendo que os indivíduos do júri não votam na mulher que eles acham mais bonita, mas sim na que acreditam que a grande maioria acharia mais bonita.

---

[25] "Sabendo que o nosso próprio julgamento individual é sem valor, nós nos esforçamos para voltar a ao julgamento do resto do mundo, que é, provavelmente, muito melhor informado. Ou seja, nós nos esforçamos para estar em conformidade com o comportamento da maioria ou da média"

[26] É claramente perigoso para ele se colocar em oposição a ela, e será mais seguro seguir o exemplo daqueles que o cerca, e, talvez, até mesmo sendo executado com o pacote. Em obediência à nova autoridade, ele pode colocar sua antiga "consciência" fora de ação, e assim pode ser surpreendido por uma atração ao prazer aumentado, que é certamente obtido pela remoção das inibições.

[27] "A psicologia de uma sociedade é feita de indivíduos, os quais, juntos, buscam mutuamente se imitar"

Assim, pode-se chegar à mútua conclusão que um grupo psicológico, sempre terá sua capacidade intelectual inferior à individual, como foi visto anteriormente. Afinal, nós nos conformamos com a atitude da maioria, ou da média, a fim de garantir nossa inclusão no grupo. Disso, Keynes cita um dito popular, em que é melhor para a reputação falhar convencionalmente do que obter sucesso de forma não convencional. (Dostaler, G; Maris, B; 2000)

Esse grupo social é caracterizado também, pela crença do *status quo* da economia, ou seja, de que há convenção nos fatores: os negócios continuarão indefinitamente, exceto se houver razões específicas para eles mudarem. É a ideia de que o passado se repete conforme se passam os anos, negando a existência de um futuro muito diferente dele.

Dessa forma, percebe-se como capitalismo é infantil: os agentes econômicos agem pelo medo e incerteza, como se fossem crianças. Nele impera uma competição que aponta que para um indivíduo sobreviver, ele precisa agir em conformidade com as regras naturalizadas do jogo econômico, ou seja, sempre competindo por sua sobrevivência. Essa competição está atrelada ao instinto mórbido, de desejo pela morte, pois o ser humano é naturalmente agressivo, e a competição econômica, nada mais é do que uma forma sublimada desse instinto. (Dostaler, 2009a)

A organização de nossa vida social não é inconsequente e produz, como Freud dissera, nossa desgraça Na teoria Geral, Keynes explica que a instabilidade do capitalismo vem, em grande parte dos especuladores, que diante da obscuridade dos tempos, almejam enriquecer o mais rapidamente possível à custa de outros. Isso é a mensagem central da Teoria Geral em que Keynes diz:

> *"Actually, however, we have, as a rule, only the vaguest idea of any but the most direct consequences of our acts…. The whole object of the accumulation of wealth is to produce results, or potential results,*

at a comparatively distant, and sometimes at an indefinitely distant, date." (Dostaler, 2009a)[28]

E assim, chegaremos ao mesmo final de Midas, em que o desejo por ouro-dinheiro-transformará tudo em ouro - dinheiro, matando aqueles que já estão doentes por ele e transformando as relações sociais da sociedade em relações supérfluas e materializadas.

[28] Na realidade, apesar de a gente ter, como regra, apenas uma vaga ideia da maioria das consequências diretas de nossos atos...o objeto total da acumulação é produzir mais resultados, ou resultados possíveis em uma distância comparável, às vezes até mesmo um distância indefinida de data.

3.2 Conclusão

O dinheiro vem sendo um objeto de reflexão por grandes filósofos e cientistas, desde a época de Aristóteles. O dinheiro não pode ser analisado de forma isolada, baseado somente em uma visão, como a econômica, mas deve ser feita levando em consideração a vida social, incluindo os componentes psicológicos. O dinheiro é um elemento fundamental na concepção de Keynes, e como foi provado, essa visão do dinheiro está intimamente relacionado a concepção de dinheiro de Freud.

Apesar de os dois autores nunca terem tido um contato direto, fica claro a grande influência freudiana nas obras keynesianas: ela está tanto no tratamento do capitalismo e suas consequências sobre as expectativas e incertezas, quanto na psicologia de massas, que leva a visão positiva sobre aqueles que conseguem se desvincular dela, pelo seu animal spirits oposto ao de Midas, os chamados especuladores.

Com os pensamentos acerca da preferência pela liquidez, propensão psicológica a consumir e insegurança dos indivíduos quanto ao futuro, é possível concluir quão profunda é a influência das pesquisas freudianas nas teorias de um dos maiores economistas de toda a história, que foi Keynes. Afinal, é graças às pesquisas freudianas acerca da mente humana, descrevendo como a repressão a interesses primários da mente podem ter consequências externas profundas, que Keynes pode desenvolver suas pesquisas de forma a tratar a economia de forma mais humana e coerente com a realidade. E é exatamente essa nova abordagem na época, que vai de encontro à abordagem clássica de um modelo ideal de economia, que faz dele um dos maiores economistas do século XX.

Bibliografia

DOSTALER, G. *“La morale. Aux sources de La vision de Keynes.” ;“L’argent. Moteur économique et pathologie sociale”.* Keynes et sés combats, Paris, Albin Michel, 2005

_____ *“Keynes and the love of money. The Freudian Connection”*, paper presented at the 36th Annual Conference of the History of Economics Society, June 26-29, University of Colorado, Denver, 2009a

_____, G. MARIS, B. *Capitalisme et Pulsion de Mort*. Paris, Éditions Albin Michel, 2009b

_____; _____ “*Dr Freud and Mr. Keynes on money and capitalism”*, What is Money?, John Smithin, London: Routledge, 2000

DOW, S. “ The Psychology of Financial Markets: Keynes,Minsky and emocional finance”. The Elgar Companion to Hyman Minsky. Cheltenham, Dimitri B. Papadimitriou and L. Randall Wray, 2009

FORRESTER, J. *“Freud in Cambridge” in Keynes and ‘Psychology”, J.E. King, Economic Papers, vol. 29, 2010*

FRACALANZA, P. S. *“As lições de Keynes”.* Novos Estudos SEBRAP, n° 88, São Paulo, 2010

FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1930

_____ *The Interpretation of Dreams*, London: Allen and Unwin, 1932

_____ *A psicologia das massas e a análise do eu* (1921). In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

KEYNES, J.M. *Las consecuencias económicas de la Paz*. Editorial Crítica, Madrid, 1991

_____ "Freudian psycho-analysis", Nation and the Athenaeum, vol. 35, 29 août, 1925

_____ "Essais de Persuasion",1931, Trad. Herbert Jacoby. Paris: Éditions Gallimard, 1933, 2e édition. Collection NRF, 278 p

_____ *"The economic possibilities for our grandchildren", 1930* In: Szmrecsányi, Tamás (org.), John Maynard Keynes.Editora Ática, 1984.

_____ "*A Teoria Geral do Emprego do Juro e da Moeda"*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, 287p. (Coleção «Os Economistas»).SKIDELSKY, R. *John Maynard Keynes – The economist as saviour 1920-1937.* New York: The Penguin Press, 1992.

_____ "*The General Theory of Employment, Interest and Money",* Londres, MacMillan, 1936, reimpr., 1970

_____, *"The general theory of employment"*, *Quarterly Journal of Economics*, vol. 51, February, 1937

SKIDELSKY, R. J. A. "*Keynes: The Return of the master*." Inglaterra: Penguin Books Ltd, 2009, 240 p.

WINSLOW, E.G. *'Keynes and Freud: Psychoanalysis and Keynes's Account of the "Animal Spirits" of Capitalism'*, *Social Research,* 1986

_____ *'Bloomsbury, Freud, and the Vulgar Passions'*, *Social Research*